

Discursos sobre afetos docentes: uma ortopedia de gênero?

Juliana Ribeiro Vargas* & Rodrigo Saballa de Carvalho**

Resumo: O presente trabalho a partir das contribuições dos Estudos Culturais em Educação em sua vertente pós-estruturalista e dos Estudos desenvolvidos por Michel Foucault tem como objetivo problematizar a naturalização com que os afetos docentes vêm sendo descritos na cena educacional contemporânea e assumidos pelas professoras enquanto um atributo imanente ao profissional da educação. Desse modo, para realizar o intento proposto, a metodologia investigativa teve como inspiração, a pesquisa desenvolvida por Abramowski (2010), a respeito dos afetos docentes e as relações pedagógicas estabelecidas por professores dos anos iniciais de escolas Argentinas. Na esteira de tal pesquisa, foram realizadas vinte entrevistas semi estruturadas com docentes da Rede Pública de Ensino de Porto Alegre, tendo em vista conhecer as concepções de afeto das mesmas e as implicações de seus discursos com o trabalho pedagógico desenvolvido nas salas de aula em que atuavam. Através da análise do discurso de inspiração foucaultiana, foi possível perceber a operacionalização de certa ortopedia generificada dos afetos docentes, a recorrência de enunciados sustentados por saberes emergentes da psicologia das relações humanas, das pedagogias críticas e dos livros de auto-ajuda para professores que se disseminam no meio educacional brasileiro.

Palavras-chave: Afetos docentes; Gênero; Professoras.

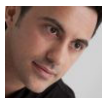
Speeches on affects teachers: an orthopedic of gender?

Abstract: This work, produced from the contributions of Cultural Studies in Education in its post-structuralism scope, and Studies developed by Michel Foucault, aims to question the naturalization from which teachers' affections have been described and admitted by them, in the contemporary educational scene, as an attribute immanent to Education professionals. This way, in order to accomplish this work, the investigative methodology has been inspired by an Abramowski's research (2010), about teachers' affections and pedagogical relations established by teachers of the early years in Argentina. In the wake of such research, twenty interviews, semi-structured with teachers from the Public Teaching System of Porto Alegre, were carried out, in view of knowing their concepts of affection as well as the implications of their speeches in the pedagogical work developed in the classrooms that performed as class regents. Thus, through the analysis of Foucault-inspired speech, it was possible to cognize, throughout the interviews, the functioning of what we have named as gendered orthopedics of affections, through the recurrence of statements sustained by emerging knowledge of the psychology of human relationships, critical pedagogies and self-help books for teachers that have been disseminated in the Brazilian educational environment.

Key Words: Teachers' affections; Gender; Teachers.



* **JULIANA RIBEIRO VARGAS** é Pedagoga, Mestre em Educação e Doutoranda em Educação na Linha dos Estudos Culturais em Educação (PPGEdu/UFRGS). Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.



** **RODRIGO SABALLA DE CARVALHO** é Pedagogo, Especialista em Gestão da Educação, Mestre em Educação e Doutor em Educação (UFRGS); Professor do Curso de Pedagogia Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS - Erechim), Líder do Grupo de Pesquisas em Educação, Culturas e Políticas Contemporâneas.

Para iniciar o diálogo

O afeto é a solução. Não é possível combater a insensibilidade, o desrespeito, a falta de solidariedade, a apatia, a não ser pelo afeto. A escola dos sonhos, dos sonhadores, da poesia dos poetas, da maternidade, da luta dos lutadores começa com a crença de que em se falando de vida – e como educação é vida –, *a solução está no afeto* (CHALITA, 2001, p.264 – grifos nossos).¹

Discursos a respeito dos afetos docentes, a exemplo daqueles que apontam soluções para os problemas educacionais, têm se disseminado de modo vertiginoso nas searas educativas. Tal como é possível perceber na epígrafe, o imperativo do afeto e a linguagem sentimental parecem estar adquirindo cada vez mais centralidade na descrição do cotidiano escolar e na busca de recursos para os problemas enfrentados pelos/as professores/as na contemporaneidade. Conforme descreve Abramowski (2010), em sua pesquisa sobre a constituição de afetos docentes no contexto das escolas argentinas, as condições de emergência dos discursos afetivos são advindas das pedagogias psicológicas, do ideário pedagógico o qual afirma que temos que conhecer minuciosamente nossos alunos, da “suposta” comprovação da falta de afeto familiar pelas equipes docentes nas escolas (que declaram que existem alunos que são carentes de afeto e por isso apresentam comportamentos inadequados na escola), dos estereótipos emocionais que nos levam a pensar sobre o perfil da “boa professora”. Vale ainda ressaltar o crescente processo de disseminação do afeto na cena contemporânea. Uma vez que, nos tempos atuais, ocorre uma inflação das temáticas relacionadas à ordem afetiva e emocional, pois, de modo

recorrente, têm tornado-se pauta de *reality shows*, livros de auto-ajuda, programas de entrevistas, entre outros.

Tendo em vista a constatação realizada pela da autora acima citada, propomos no presente trabalho, problematizar a naturalização com que os afetos docentes vêm sendo descritos na cena educacional contemporânea e assumidos pelas professoras enquanto um atributo imanente a ao exercício profissional de quem trabalha com crianças. Na contramão dos discursos que definem e preconizam o afeto como característica natural da docência enfatizamos o estabelecimento de vínculos afetivos com os alunos como uma construção histórica e cultural, aprendida no decorrer da escolarização, da formação docente, da prática efetiva em sala de aula e, sobretudo, através dos discursos de gênero circulantes nas pedagogias culturais que insistem em definir e regular as ações docentes.

É importante referir que realizamos nossas reflexões a partir dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos de Gênero em sua vertente pós-estruturalista e dos Estudos desenvolvidos por Michel Foucault – no que diz respeito à análise do discurso. A partir de tais perspectivas, compreendemos as identidades docentes como constituídas na cultura e no interior de práticas discursivas específicas (HALL, 1997). Da mesma forma, utilizamos de Judith Butler (2008, p. 24) para compreender que: “gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado casual do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.” Desse modo, para realizar o intento proposto, a metodologia de pesquisa consistiu na realização de vinte entrevistas semiestruturadas com professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de duas escolas da Rede Pública de Ensino de Porto Alegre. O objetivo das entrevistas foi o de conhecer as concepções de afeto

¹ Gabriel Benedito Isaac Chalita, autor de obras que tratam sobre a temática afeto e educação, exerceu o cargo de Secretário de Educação do Estado de São Paulo entre os anos de 2003 e 2007.

das professoras e as reverberações de seus discursos no trabalho pedagógico desenvolvido nas salas de aula em que atuavam.

Através da análise do discurso de inspiração foucaultiana, percebemos a operacionalização do que denominamos como uma ortopedia² generificada dos afetos docentes. Ortopedia operacionalizada através de um conjunto de práticas sociais (da família, da escola, da mídia, da saúde, das políticas públicas, das pedagogias culturais) que sustentam, regulam e incitam a produção dos discursos das professoras a respeito dos sentimentos que sentem por seus/suas alunos/as. Corroborando com tal argumento, Foucault (2005, p.37) destaca que ninguém entra “na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. Nem todas as regiões do discurso “são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas, enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala” (*Ibidem, Idem*). Por essa razão, consideramos que a ortopedia dos discursos sobre afeto docente ensina a professora de crianças pequenas, como agir: ser gentil, carinhosa e meiga com seus/suas alunos/as, estabelecendo cotidianamente atitudes importantes para sua prática. Nessa direção, apresentamos nas seções seguintes, considerações acerca dos discursos de professoras em relação ao afeto no exercício de sua prática profissional e também, buscamos problematizar como tal questão produz uma naturalização generificada do fazer docente. Encerramos discutindo a

² A expressão *ortopedia* foi cunhada por Foucault (1999), ao referir-se à proliferação de discursos sobre a sexualidade no século XVIII. Esclarecemos que não estamos tratando de ortopedia em um sentido jurídico/correcional – mas no que diz respeito à produção de uma ordem discursiva a respeito dos afetos docentes

relevância da reflexão a respeito dos afetos docentes nas escolas, bem como nos cursos de formação de professores.

Ser professora: prática docente e afeto maternal

[...] para um profissional abraçar realmente a causa da educação, *ele já deve ter em si essa paixão pelo ser humano e por ajudar o próximo em sua trajetória*. Acredito que esse afeto seja expresso em cada atitude em aula, desde o olhar nos olhos enquanto conversa ou explica até na forma de repreender e instruir, que deve ser firme, mas sem perder o carinho (P05). [*grifos nossos*].

Conforme afirma Constantina Xavier Filha (2008, p. 92). “[...] os discursos das mulheres são produtos de processos discursivos que propiciam a relação dos sujeitos consigo mesmos, mediante os discursos que instigam e normalizam identidades a partir de uma norma.” Em consonância com tais afirmações, é possível perceber que o discurso da professora entrevistada em nossa pesquisa relaciona o profissionalismo docente e a compreensão do afeto em sua prática pedagógica com as ações maternas. De acordo com Abramowski (2010), culto da maternidade é uma antiga característica na educação. Assim é possível compreender a naturalização das ideias de que a professora deva *ter paixão*, saiba *ajudar* e ainda, consiga *repreender sem perder o carinho* que tem pelos seus alunos.

Segundo Guacira Louro (2009, p.450), durante o século XIX, circulavam na sociedade brasileira, discursos que relacionavam o exercício da docência com o trabalho doméstico no lar. Assim, o exercício da docência, passou a ser representado como uma atividade amorosa, de doação e entrega (*Ibidem, Idem*). Tal representação é ainda presente nos dias atuais, como é possível observar no discurso a seguir:

Acredito que *sem gostar dos alunos, não conseguimos gostar da profissão*, nem mesmo darmos o nosso melhor. Portanto,

sem gostar dos alunos, sem chance de ensinar (P02). [grifos nossos].

Logo, se como nos ensina Foucault (1987), os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (*Ibidem*, p. 56), a repercussão de discursos históricos no decorrer dos tempos, acaba por fomentar a natural associação da atividade docente à características compreendidas como maternais. E, conforme afirma Marília Pinto de Carvalho (1996, p. 80) é notório que, mesmo nos tempos atuais, “os cursos de formação de professoras estão repletos de recomendações de paciência e dedicação maternais e que, ao falar sobre o próprio trabalho, as professoras primárias usam referências e comparações com a maternidade.”

Amar, ensinar e aprender: a generificação do afeto docente

Acredito que os professores devem respeitar os alunos como sujeitos e transformar esta relação em um compartilhamento sadio. Por exemplo: ouvir um aluno dizer nome feio. *Não devo como professora xingá-lo*, mas questioná-lo se sabe o que está dizendo, contextualizando o significado do dito. Não é fácil, mas necessário (P3).³

Os afetos docentes podem ser entendidos a partir dos estudos de Abramowski (2010), como os sentimentos que os/as professores/as manifestam (através da enunciação verbal ou de suas próprias ações) sobre o que sentem pelos/as seus alunos/as e também pela tarefa profissional que desempenham. A autora utiliza o termo afeto – *afeto docente* – e não a palavra “amor”, por entender que tal expressão contempla tanto os amores quanto aos desamores, uma vez que a mesma considera sentimentos como raiva, descontentamento, irritação, falta de paciência e ódio, vivenciados e descritos

³ Identificamos as participantes da pesquisa através da letra P acompanhada de números entre 01 - 20

pelas professoras participantes de sua pesquisa.

Vale destacar que tais sentimentos, os quais supostamente parecem não fazer parte do âmbito da docência, são visibilizados por diversificados meios de comunicação a partir da narrativa de casos de professoras, que em situações extremas, perdem o controle e agredem fisicamente as crianças. Nas entrevistas realizadas no âmbito de nossa pesquisa as professoras não associaram sentimentos entendidos como negativos à manifestação do afeto docente. Contrariamente, palavras como *dedicação, respeito, cuidado e paixão* foram relacionadas pelas entrevistadas como expressões do mesmo, como é possível perceber em seus discursos, quando as mesmas procuraram definir o que seria o afeto docente:

O afeto docente se constitui a partir da *dedicação do professor* ao buscar as melhores maneiras de ensinar seu aluno (P2). [grifos nossos].

O afeto pelos alunos se constitui e se expressa de diversas maneiras com uma *base respeitosa e de cuidado*. (P14). [grifos nossos].

[...] para um profissional abraçar realmente a causa da educação, ele já *deve ter em si essa paixão pelo ser humano e por ajudar o próximo em sua trajetória*. (P18). [grifos nossos].

É possível entender que os afetos docentes compõem uma ortopedia discursiva generificada, a qual produz a difusão de narrativas sobre, por exemplo, os modos que devem ter as professoras que trabalham com crianças. Citamos como exemplo, o fato habitual de ouvirmos nas escolas, que tal professora tem mais jeito com as crianças menores, por ser afetiva, carinhosa e compreensiva – como se tais características fossem inatas a docência, sem nenhuma problematização a respeito de tal situação. Em contraposição, também não é menos habitual ouvirmos reclamações de colegas professores,

equipe gestora e famílias a respeito de professoras que são consideradas austeras e rígidas – que supostamente não possuem um “perfil adequado” para trabalhar com crianças. Larrosa (1996, p. 470), corrobora com tal argumento, ao afirmar que: “não é que minha conduta [enquanto professor/a] derive do que sou, mas os atributos que me caracterizam derivam de minha conduta.”

É válido destacar também que, de acordo com sua pesquisa, para Abramowski (2010) um bom professor deve estar comprometido, conter, escutar, tolerar, respeitar seus alunos, transmitir e socializar o conhecimento. Um bom professor deveria ser também um professor *bom*, ou seja, afetividade docente é entendida, pelos próprios professores, como uma ação metodológica, a qual está relacionada diretamente com as relações de aprendizagem dos alunos, constituindo o que podemos chamar de um repertório de práticas (in)adequadas para as relações de ensino – aprendizagem. As práticas de afeto e o desenvolvimento do conhecimento parecem andar lado a lado: é preciso educar com “ternura e com afeto”. As professoras que entrevistamos parecem compreender a relação pedagógica a partir desta mesma lógica, tal como é possível perceber em seus discursos:

Na aprendizagem escolar, a relação entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros e escrita não se dá puramente no campo cognitivo, existe uma base afetiva que está no meio dessas relações, visto que, para aprender é necessário um vínculo de confiança entre quem ensina e quem aprende (P09). [grifos nossos].

A afetividade é um aspecto facilitador da aprendizagem (P11). [grifos nossos].

O afeto docente é a disponibilidade interna de cada profissional em sua atuação; é uma variável para análise do envolvimento com o trabalho; é

fundamental ser realimentada sadamente, através da dialogicidade e estudos com outros profissionais de diversas áreas. É primordial no estabelecimento de vínculos com os estudantes e a garantia do processo de ensino-aprendizagem (P3).

O afeto docente é a relação mediadora entre a aprendizagem e a auto-estima do aluno (P4). [grifos nossos].

Considerando as relações humanas é necessário sempre existir vínculos afetivos fortalecidos para o sucesso dos alunos e professores [...] (P4). [grifos nossos].

O afeto docente pode ser entendido como um facilitador da aprendizagem discente, ou ainda mais, como a um fator indispensável para que a mesma ocorra. Desta forma, aquele profissional que não consegue estabelecer laços, demonstrar gestos de afeto acaba por não colaborar com aprendizagem de seus alunos. Discursos de distintos campos teóricos legitimam a organização deste imperativo, e conforme afirmamos no início deste texto, o atravessamento das teorias psicológicas na educação corrobora para tanto. As chamadas *disciplinas psi* constituem, além de reflexões a respeito do governo das pessoas, “[...] as exigências da ordem social, da harmonia, da tranquilidade e do bem-estar.” (ROSE, 2001, p. 148). É possível dizer que tais teorias apresentam à Pedagogia características do desenvolvimento normal/patológico do aluno, o qual passa a ser narrado como *sujeito de aprendizagem*. Não podemos esquecer que as mesmas também normatizam modos de ação pedagógica dos professores com as crianças, apontando formas (in)adequadas para a realização da tarefa docente. Para Rose, (2001, p. 147) as *disciplinas psi* “estabeleceram uma variedade de racionalidades práticas, envolvendo-se na multiplicação de novas tecnologias e em sua proliferação ao longo de toda a vida cotidiana”. Desta forma, se correntes

psicológicas afirmam que fortalecimento dos laços de afeto entre infantes e cuidadores contribui para o desenvolvimento da criança, é possível pensar, por conseguinte que a afetividade – e suas demonstrações – poderá cooperar para o processo de aprendizagem no ambiente escolar?

Abramowski (2010, p.92) destaca a importância dada ao relacional como outro traço proveniente das teorias psicológicas, pois “os bons professores devem relacionar-se com *todos* os seus alunos estabelecendo vínculos com eles enquanto pessoas. Conforme a autora, em tempos contemporâneos são as relações interpessoais, em detrimento as instituições sociais, que estão na vanguarda, pois “[se] antes se apelava para autoridade, hoje se insiste em diminuir distâncias, contar com um conhecimento profundo do aluno, gerar vínculos afetivos.” Isto quer dizer que nos tempos atuais, faz-se necessário gostar e amar tanto para ensinar quanto para aprender.

Por uma (des)naturalização das palavras

Na pesquisa realizada por Sayão (2005), a respeito das relações de gênero e do trabalho docente na Educação Infantil, também é possível perceber o processo de generificação dos afetos. Por se tratar de uma investigação de cunho qualitativo, com professores que atuavam em turmas de Educação Infantil, ficaram evidentes nos depoimentos dos mesmos as dificuldades enfrentadas para comprovarem no espaço da creche, que tinham aptidão para educar e cuidar de crianças pequenas. Trocar fraldas, dar banho nas crianças, pegar no colo, fazer carinho, ouvir as crianças, eram consideradas pelas professoras, como ações que não poderiam ser realizadas de forma adequada por homens. De acordo com a autora, “parecia haver uma legitimidade nas práticas exercidas pelas mulheres ratificadas pelo argumento da

feminilidade como características inatas em face de seus antecedentes como mães ou como cuidadoras” (*Ibidem, Idem*, p.177). É como se as mulheres professoras, estivessem inatamente aptas a exercerem o trabalho docente com crianças – por serem “naturalmente afetivas”.

Contudo é possível perceber um contraponto a respeito da naturalização dos afetos docentes através da pesquisa etnográfica comparativa sobre o trabalho das professoras de Educação Infantil realizada por Tobin, Wu e Davidson (2008), em salas de aula do Japão, da China e dos Estados Unidos. A partir da filmagem das rotinas desenvolvidas diariamente com as crianças, de entrevistas com professoras, gestores escolares, famílias e da caracterização das instituições, os/as pesquisadores/as descreveram as peculiaridades de cada cultura em relação à manifestação do afeto, da tolerância e da interação com as crianças. Durante a investigação, os/as pesquisadores/as mostraram e discutiram as filmagens realizadas nos três países com os docentes e famílias participantes. As professoras americanas consideraram as professoras chinesas muito austeras, diretivas e pouco afetivas. Já as docentes chinesas consideraram as professoras americanas muito protetoras. Por outro lado, as professoras japonesas foram consideradas passivas demais em relação à disciplina das crianças. Tal pesquisa contribui para afirmarmos que os afetos docentes, em todas as suas variações, “não são naturais, espontâneos, instintivos, universais, eternos e nem imutáveis – mas históricos, cambiantes, construídos e aprendidos” – conforme assegura Abramowski (2010, p.53). A partir de tais colocações, questionamos: – O que faz com que socialmente os afetos docentes sejam considerados como algo natural no trabalho exercido pelas mulheres com crianças e que ainda, tenham sido

explanados, objetivados e ensinados por uma rede de discursos?

Vale destacar que compreendemos os discursos docentes sobre afeto enquanto textos, já que conforme Foucault (2005, p.10) os discursos não são “simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Por tal motivo, não procuramos um suposto significado que estaria “por trás” dos discursos das professoras entrevistadas, tendo em vista que os mesmos tem sentido somente através da própria exterioridade e não a partir da lógica interna dos enunciados que apresentam. Em outras palavras, não estamos em busca do que as professoras têm a dizer sobre afeto docente, mas nosso interesse concentra-se nos modos como seus discursos são constituídos e atravessados por diferentes práticas sociais que as produzem enquanto mulheres/professoras na contemporaneidade. Encerramos este trabalho afirmando que a naturalização dos discursos sobre os afetos docentes deve ser problematizada, nos espaços escolares e nos cursos de formação de professores, no intuito de refletirmos sobre as ortopedias discursivas que nos tornam reféns de nossas próprias palavras.

Referências

ABRAMOWSKI, Ana. **Maneras de Querer**: los afectos docentes em las relaciones pedagógicas. Buenos Aires: PAIDÓS, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, Marília Pinto de. Trabalho docente e relações de gênero. Algumas indagações. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, no. 2, 1996, p. 77-84.

CHALITA, Gabriel. **Educação – a solução está no afeto**. São Paulo, Editora Gente, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1987.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. V. 22, n. 2, p. 15 - 46, jul./dez. 1997.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Lertes, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 443-481.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPES, Marta Julia; MEYER, Dagmar; WALDOW, Vera Regina (orgs.). **Gênero & saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.41-51.

ROSE, Nicolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.137-204.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação infantil: um estudo de professores em creche**. Florianópolis, SC: UFSC, 2005. 274 f. TESE (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

TOBIN, J. JOSEPH; WHU, David Y.H.; DAVIDSON, Dana H. **Educação Infantil em três culturas: Japão, China e Estados Unidos**. Tradução de Deise Oti. São Paulo: Phorte, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina: A sexualidade feminina entre práticas divisoras: da mulher “bela adormecida” sexualmente à multiorgástica – imprensa feminina e discursos de professoras. In: RIBEIRO, Claudia Maria e SOUZA, Ila Maria Silva. (orgs). **Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção**. Lavras: Ed. UFLA, 2008. p. 84-95.